

Olá, boa tarde a todos, sou Sérgio dos Santos Silva, do povo Galibi-Marworno, tenho 49 anos, nasci e me criei na Aldeia Kumarumã, município de Oiapoque, estado do Amapá, fronteira com a Guiana Francesa, Terra Indígena Uaçá, onde comecei os meus estudos nos anos 80, com a primeira série primária na época. Hoje sou graduado no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena - CLII, da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional de Oiapoque, também faço Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, também na UNIFAP. Atualmente moro na Aldeia Anawerá, BR-156, Km 102. Trabalho no Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque, sou militante do movimento indígena desde de 1996 até a presente data, fui Cacique na Aldeia Kumarumã em 2005, hoje sou conselheiro da aldeia Anawerá. Fui presidente do CONDISI e também secretário do CCPIO, e atualmente sou missionário da religião evangélica, graças a Deus.

Então, vou relatar um pouco sobre a pandemia da COVID-19, dessa grande tempestade que se iniciou na China em novembro de 2019, mas que ninguém percebeu a gravidade, já viemos perceber esse ano! Em março as mídias do mundo inteiro estavam divulgando na TV, Internet, Rádios entre outros meios de comunicações, o vírus estava atacando a China e matando muitas pessoas, e também se expandiu para outros países do mundo. Quando o vírus estava no exterior ainda não era preocupante para nós, indígenas, mas quando chegou no nosso Brasil, com alguns casos suspeito, aí começou a ficar preocupante para nós. Quando vimos que todos os canais de televisão só falavam dessa pandemia do novo coronavírus e no Brasil já casos positivos em São Paulo e no Rio de Janeiro, começou a vir o desespero do povo amapaense, principalmente os oiapoquenses e, muito mais, os povos indígenas dessa região de fronteira, das Terras Indígenas Uaçá, Juminã e Galibi.

Nem deu tempo de nós nos reunirmos e parou tudo, já veio os decretos dos governos Federal, Estadual e Municipal. Todos os indígenas que trabalhavam e estudavam na cidade de Oiapoque tiveram que voltar para suas respectivas aldeias de origem, para o cumprimento da quarentena. Aqui em Oiapoque chegou a primeira vítima da COVID-19 foi o empresário Miranda da CRS Miranda, foi aí que veio o grande desespero das comunidades indígenas, de cada povo, ficaram em suas comunidades para ficar em quarentena.

Mas não teve jeito! As famílias tiveram que vir para a cidade para comprar seus alimentos e receber seus vencimentos. Foi aí que o vírus chegou nas aldeias! Nós, indígenas, começamos a fazer os chás de ervas de vários tipos de medicamentos tradicionais, inclusive o limão com o alho, e com o jambu e o boldo, foi um grande remédio para combater a pandemia. Nas comunidades as Igrejas Evangélicas, mesmo com a proibição dos decretos para que não houvesse aglomeração entre as pessoas, as igrejas se organizaram pra orar, pedindo proteção para Deus, para quebrar a velocidade que o vírus vinha em direção dos povos indígenas.

Nós, da aldeia Anawerá, oramos quase 24 horas durante todo tempo até hoje, pedindo proteção para DEUS, a gente sabe que Deus é tudo nas nossas vidas. Quando nós soubemos a notícia que a doença tinha chegado em Kumarumã, aí que veio o desespero, as mulheres, crianças e jovens correram para um lado e para o outro, chorando, dizendo que todos nós íamos morrer. E nós, homens, acalmando, dizendo calma gente, nós não vamos morrer em nome de Jesus, vamos ter fé em Deus que vai dar tudo certo!

Nós quase não comíamos, não dava essa vontade de comer e nem dava quase fome, e o nosso trabalho eraorar, fazendo campanha nas casas das famílias, pedindo proteção para Deus, para ele reprimir esse vírus, para não atacar com muita velocidade as pessoas, e assim, com a graça de Deus, não atacou nós, indígenas, com muita força. Morreu poucas pessoas das comunidades do Oiapoque. Sim, essa maldita doença matou gente que estava com problemas de saúde. Eu comparo como uma grande tempestade, com muito vento forte, que passa em uma floresta e consegue derrubar algumas árvores que já estavam com problemas de saúde ou podres, mas esse vírus não pegou muito forte as demais pessoas das comunidades.

Eu e a minha esposa só tivemos três dias de febre e dor de cabeça, garganta seca e a perda do paladar, foi só! Graças a Deus, quando nos pegou, nós viemos da aldeia, chegamos em casa, no Oiapoque, já de tardinha. Aí eu senti meu corpo ruim, falei para minha esposa, disse que estava com meu corpo febril. Aí minha esposa disse que devia ser do cansaço da viagem. Aí ela disse: - Você veio dirigindo, deve ser cansaço!

Aí eu disse: -Não, todo tempo eu dirijo, não fico assim!  
Aí não teve jeito, a febre me derrubou na cama, peguei o lençol, me embrulhei, já tomei um remédio para febre. Aí eu suei, quando deu duas horas da manhã a minha esposa caiu com febre. Aí eu disse: - Meu Deus, só o senhor mesmo agora, não temos ninguém para nos socorrer, para dar pelo menos uma água.

Assim foi que tivemos a covid-19, mas não deu muito forte, com três dias não deu mais febre, só mesmo a garganta seca, a tosse e a perda do paladar e dor de cabeça, e nós continuamos com as nossas orações, pedindo proteção para Deus, para todo o Brasil e para o mundo e, principalmente, para as comunidades indígenas do Brasil e do Amapá. Teve gente que nem deu febre, só uma dor de cabeça, a perda do paladar e diarreia, mas foi um grande susto para nós indígenas.

Durante essa pandemia do COVID-19 fiquei muito triste de ver os grandes centros desertos, tipo as cidades grandes, São Paulo, Rio de Janeiro, BH, entre outros. O nosso Oiapoque ficou triste e deserto, sem circulação de pessoas e veículos, todo mundo usando máscara, foi um sufoco, ninguém era acostumado de usar máscara, mas vivenciamos e atravessamos esse grande obstáculo nas nossas vidas. Temos que contar para os nossos filhos e netos a grande turbulência que passamos e hoje, graças a Deus, já está diminuindo esta maldita praga que nos atacou, Deus em primeiro Lugar, já está passando. É por isso que fizemos uma grande festa de agradecimento ao papai do céu, na Aldeia Kumarumã, no período de 14 a 16 do corrente mês, com o tema "Grandes coisas o SENHOR fez para nós; por isso estamos alegres" (Salmos CP. 126 Verso 03). Finalizo meu relato por aqui e quero agradecer a todos.

Oiapoque, Amapá, Brasil  
23 de agosto de 2020

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Salut, bonsoir à tous, je suis Sérgio dos Santos Silva, du peuple Galibi-Marworno, j'ai 49 ans, je suis né et j'ai grandi dans le Village Kumarumã, municipalité de Oiapoque, état de Amapá, qui fait frontière avec la Guyane Française, Terre Indigène Uaçá, où j'ai commencé mes études dans les années 80, avec la première série primaire à l'époque. Aujourd'hui, je suis étudiant en Cours de Licence Interculturelle Indigène - CLII, de l'Université Fédérale de Amapá, Campus Binational de Oiapoque, je fais aussi une spécialisation en Études Culturelles et Politiques Publiques à l'Unifap aussi. Actuellement je vis dans le Village Anawerá, BR-156, Km102. Je travaille au Musée Kuahí des Peuples Indigènes de Oiapoque, je suis militant du mouvement indigène depuis 1996 jusqu'à cette date présente, j'ai été chef dans le Village Kumarumã en 2005, aujourd'hui je suis conseiller dans le Village Anawerá. J'ai été président du CONDISI et secrétaire aussi du CCPIO, et actuellement je suis missionnaire de la religion évangélique, grâce à Dieu.

Alors, je vais parler un peu par rapport à la pandémie du Covid-19, de cette grande tempête qui a débuté en Chine en Novembre 2019, mais dont personne n'a su la gravité, nous nous en sommes aperçus cette année ! En Mars les médias du monde entier ont divulgué à la TV, internet, radios et par d'autres moyens de communication, que le virus attaquait la Chine et tuait beaucoup de personnes, mais aussi s'était répandu dans d'autres pays du monde. Quand le virus était à l'extérieur ce n'était pas assez inquiétant pour nous, les indigènes, mais quand c'est arrivé dans notre Brésil, avec quelques cas suspects, alors cela a commencé à nous préoccuper. Quand nous avons vu que toutes les chaînes de télévision parlaient seulement de cette pandémie du nouveau coronavirus et que au Brésil il y avait déjà des cas positifs à São Paulo et Rio de Janeiro, le désespoir du peuple de Amapá a commencé à venir, principalement celui des gens de Oiapoque et, plus encore celui des peuples indigènes de cette région de la frontière, des Terres Indigènes Uaçá, Juminã et Galibi.

Il n'y a même pas eu le temps de nous réunir que tout s'est arrêté à cause des décrets des gouvernements Fédéral, État et Municipal. Tous les indigènes qui travaillaient et étudiaient dans la ville de Oiapoque ont dû retourner dans leurs villages respectifs d'origine, pour la conformité de la quarantaine. Ici à Oiapoque, la première victime du Covid-19 arrivée fut l'entrepreneur Miranda du CRS Miranda, c'est ici que le grand désespoir des communautés indigènes, de chaque peuple est arrivé, tous sont restés dans leurs communautés pour rester en quarantaine. Mais on avait pas le choix ! Les familles ont dû aller en ville pour acheter leurs aliments et recevoir leurs salaires. C'est ainsi que le virus est arrivé dans les villages ! Nous, indigènes, avons commencé à faire des tisanes de plantes de plusieurs types de médicaments traditionnels, principalement le citron avec de l'ail, et avec le jambu et le boldo, c'était un grand médicament pour combattre la pandémie. Dans les communautés les Églises Évangéliques, même avec l'interdiction des décrets afin d'éviter l'agglomération entre les personnes, les églises se sont organisées pour prier, en demandant la protection à Dieu, pour détruire la vitesse avec laquelle le virus venait en direction des peuples indigènes.

Nous, du village Anawerá, nous avons prié presque 24h durant tout le temps jusqu'à aujourd'hui, en demandant la protection à DIEU, nous savons que Dieu est tout dans nos vies. Quand nous avons su la nouvelle que la maladie était arrivée à Kumarumã, c'est maintenant que le désespoir est venu, les femmes, enfants et jeunes courraient d'un côté à l'autre, en pleurant, en disant que nous tous allons mourir. Et nous, les hommes, on les calmait, en disant calmez-vous les gens, nous n'allons pas mourir au nom de Jésus, manger la foi en Dieu et tout ira bien ! On ne mangeait presque plus, il n'y avait plus d' Jésus de manger et on avait courir pas faim, et notre travail était de prier, faire des campagnes dans les maisons des familles, en demandant la protection de Dieu, afin qu'il réprime le virus, pour ne pas attaquer avec beaucoup de vitesse les personnes, et ainsi, avec la grâce de Dieu, nous ne nous attaquer, nous les indigènes, avec beaucoup de force. Peu de personnes des communautés de Oiapoque sont mortes. Oui, cette maladie maudite a tué les personnes qui avaient de problèmes de santé. Je la compare à une grande tempête, avec beaucoup de vent fort, qui passe dans une forêt et arrive à renverser certains arbres qui avaient déjà des problèmes de santé ou qui étaient pourris, mais ce virus n'a pas été si fort pour les autres personnes des communautés.

Mon épouse et moi avons eu seulement trois jours de fièvre et des maux de tête, la gorge sèche et la perte de goût, seulement cela ! Grâce à Dieu, quand nous avons été contaminés, nous revenions du village, en arrivant à la maison, à Oiapoque, c'était déjà tard. J'ai senti mon corps mal en point, j'en ai parlé à mon épouse, j'ai dit que mon corps était tout fiévreux. Mais mon épouse a dit que cela devrait être la fatigue du voyage. En suite elle a dit : - Tu étais au volant, ça doit être de la fatigue !

Et j'ai répondu : - Non, je conduis tout le temps et je ne ressens pas cela !  
Ensuite pas de choix, la fièvre m'a eu au lit, j'ai pris la couverture, je me suis couvert, j'avais déjà pris un médicament contre la fièvre. Ensuite j'ai transpiré, et à deux heures du matin mon épouse a eu aussi de la fièvre et j'ai dit : - Mon Dieu, il reste que vous maintenant, nous n'avons personne pour nous aider, pour nous donner tout au moins une eau.

C'est ainsi qu'on a eu le covid-19, mais ce n'était pas très fort, le troisième jour on n'avait plus de fièvre, seulement la gorge sèche, la toux et la perte du goût et des maux de tête, et nous avons continué avec nos prières, en demandant la protection à Dieu, pour tout le Brésil, et pour le monde entier et principalement, pour les communautés indigènes du Brésil et de Amapá. Il y a des gens qui n'ont même pas eu de la fièvre, seulement un mal de tête, la perte de goût et la diarrhée, mais ce fut une grande peur pour nous les indigènes.

Pendant cette pandémie de Covid-19, j'étais très triste de voir les grands centres déserts, du genre les grandes villes, São Paulo, Rio de Janeiro, BH, entre autres. Notre Oiapoque était triste et désert, sans circulation de personnes et de véhicules, tout le monde utilisant des masques, ce fut un étouffement, personne n'était habituée à utiliser un masque, mais nous avons vécu cette expérience et traverser ce grand obstacle dans nos vies. Nous avons dû raconter à nos fils et petits-fils la grande turbulence que nous traversions et aujourd'hui, grâce à Dieu, ce maudit fléau qui nous a attaqué diminue, Dieu en premier lieu, cela s'en va déjà. C'est pour cela que nous avons fait une grande fête de remerciement au père du ciel, dans le village Kumarumã, dans la période du 14 au 16 de ce mois courant, avec le thème "des Grandes choses le SEIGNEUR a fait pour nous ; c'est pourquoi nous sommes en joie" (Psaumes CH.126 Verset 03). Je termine mon récit ici et j'aimerais remercier tout le monde.

Oiapoque, Amapá, Brésil  
23 Août 2020

Traduit par Manuella Adèle Fifamé CHOKKI

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Hey and good afternoon everyone, I'm Sérgio dos Santos Silva, a Galibi-Marworno man, I'm 49 years old, I was born and raised in Kumarumã Village, Oiapoque, state of Amapá, on the border with French Guiana, Uaçá Indigenous Land, where I began my studies in the 80s, in the first grade from CLII, at Universidade Federal do Amapá, Oiapoque Binational Campus, I'm also specializing in Cultural Studies and Public Policies, at UNIFAP as well. I'm currently living in Anawerá Village, BR-156, at 102 KM. I work at Kuahí Museum of Indigenous Peoples from Oiapoque, I'm a member of the indigenous movement since 1996 to the present date, I was a Chief at Kumarumã Village in 2005, today I'm an advisor at Anawerá village. I also was CONDISI's president and then a secretary of CCPIO. I'm currently a missionary for the evangelical religion, thank God.

So, now I'm gonna tell a bit about COVID-19 pandemic, this big storm that started in China in November of 2019, but no one realized its seriousness right away which we only did this year! In March, all media around the world were serious on TV, internet, radio and other means of communication, about a virus that was killing many people in China, and later, it has also spread to other countries around the world. When coronavirus was still abroad it wasn't a concern for us, the indigenous people. However, a soon as it arrived in Brazil, with the firsts suspected cases, we started to fear it. At that time, we noticed all television channels showing contents about the pandemic. In Brazil there were already confirmed cases reported in São Paulo and Rio de Janeiro. Amapá's population got desperate since then, particularly people from Oiapoque and, even more, the indigenous peoples from the border region, in Uaçá, at Juminã and Galibi Indigenous Lands.

We've had no time to get together before everything went off. Federal, State and local governments came up with new ordinances. Indigenous people who worked and studied in Oiapoque returned to their villages in order to comply with the quarantine. The first victim of COVID-19 in Oiapoque was the businessman Miranda of CRS Miranda, that was when the indigenous communities got frightened, each one isolated in their communities on quarantine. There was no way though! Families eventually had to come to the city to buy their groceries. That's how the virus arrived in the villages! We, indigenous peoples, started making herbal teas and several types of traditional medicines items, including lemon with garlic, jambu and boldo, such a great remedy to fight the virus. The communities' Evangelical Churches, regardless of the government prohibition on crowdings, organized themselves to pray and ask God for protection, to slow the coming of the virus towards the indigenous peoples.

We've been praying for almost 24 hours until today, asking for His protection, we know that God is everything in our lives. When we heard the news about covid's arrival in Kumarumã village, we got shaken up, women, children and young people ran around, crying, saying that we weren't going to die. And us the men, trying to calm them down, telling them that we weren't going to die in the name of Jesus, that we must be faithful that everything will be all right! Barely did we eat, we didn't feel like eating or we were almost hungry, our duty was praying, carefully ignoring in people's home, asking for protection from God, for him to deprive the virus, so as not to infect people too quickly, and so, with the grace of God, he did not affect us, indigenous people, too hardly. Few people from Oiapoque communities died. Yes, that damned disease killed people who were in poor health. I correlate to it a big storm, with a ferocious strong wind that goes through a forest and takes down some trees that were already in bad health or rotten, but this virus did not get too strong on other people from the communities.

My wife and I only felt three days of fever and headache, dry throat and loss of taste, that was all! But thank God, when it got us, we were coming from the village, we got home, in Oiapoque, in the evening. Then my body felt badly, I told my wife, I said I had a feverish body. Then my wife supposed it was tiring from the trip. As she said: - You came driving all along the way, you must be tired!

Then I said: -No, every time I drive, I don't feel like that!  
With a burning fever, I went to bed, took the sheet and wrapped myself up. I also took a fever medicine. Then I sweated, when it was two in the morning my wife fell a fever as well. Then I said: - For God's sake! we have no one to help us, to give us at least a glass of water.

That's how we had the covid-19, but the symptoms were soft, within three days the fever was gone, only a dry throat, cough and loss of taste and headache remained, and still we kept on praying, asking God to protect Brazil, the world and, mainly, the indigenous communities from Brazil and Amapá. There were people who didn't even have a fever, just a headache, loss of taste and diarrhea, but it still was something really scary for us indigenous people.

During this COVID-19 pandemic, it saddened to see how desert the big urban centers got, such as São Paulo, Rio de Janeiro, BH, among others. Our Oiapoque became a sad and desert city, with no people and vehicles around, everyone wearing a mask, it was painful, no one was used to wearing a mask, but we experienced and overcame that obstacle. We have to tell our children and grandchildren about what have been through, and today, thank God, this damn plague is already being defeated, God always first, the pandemic is almost gone. That is why we had a great celebration to thank our heavenly father, in Kumarumã village, from 14th to the 16th day of this month, themed: "The LORD has done great things for us; we are filled with joy" (Psalms CP. 126: 03). Here I finish my report and thank everyone.

Oiapoque, Amapá, Brazil.  
August 23rd, 2020.

Translated by Ydoreh Gomes Borges.

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Hola, buenas tardes a todos, soy Sérgio dos Santos Silva, del pueblo Galibi-Marworno, tengo 49 años, nací y crecí en la aldea de Kumarumã, municipio de Oiapoque, estado de Amapá, frontera con Guayana Francesa, Tierra Indígena Uaçá, donde comencé mis estudios en los años 80, con la primera serie primaria en ese momento. Hoy soy formado del Curso de Licenciatura Intercultural Indígena - CLII, de la Universidad Federal de Amapá, Campus Binacional de Oiapoque, también hago Especialización en Estudios Culturales y Políticas Públicas, también en la UNIFAP. Actualmente vivo en la aldea Anawerá, carretera BR-156, Km 102. Trabajo en el Museo Kuahí de los Pueblos Indígenas de Oiapoque, soy militante del movimiento indígena desde 1996 hasta la fecha actual, fui jefe en la Aldea de Kumarumã en 2005, hoy soy concejal de la aldea Anawerá. Fui presidente de CONDISI y también secretario del PCICIO, y actualmente soy misionero de la religión evangélica, gracias a Dios.

Por lo tanto, voy a relatar un poco sobre la pandemia de COVID-19, esta gran tormenta que comenzó en China en noviembre de 2019, pero que nadie se dio cuenta de la gravedad, ¡nos hemos dado cuenta en este año! En marzo, los medios de comunicación de todo el mundo se estaban divulgando por televisión, Internet, Rádios entre otros medios, que el virus estaba atacando a China y matando a mucha gente, y también que se expandió a otros países del mundo. Cuando el virus estaba en el extranjero todavía no era una preocupación para nosotros los indígenas, pero cuando llegó a nuestro Brasil, con algunos casos sospechosos, entonces comenzó a ser preocupante para nosotros. Cuando vimos que todos los canales de información sólo hablaban de esta pandemia, del nuevo coronavirus; y en Brasil ya había casos positivos en Sao Paulo y Río de Janeiro, comenzó la desesperación del pueblo Amapaense, especialmente de los Oiapoquenses y, mucho más, de los pueblos indígenas de esta región fronteriza, las Tierras Indígenas Uaçá, Juminã e Galibi.

No hubo tiempo para reunirnos y detener todo, ya vinieron los decretos de los gobiernos Federal, Estatal y Municipal. Todos los indígenas que trabajaban y estudiaban en la ciudad de Oiapoque tuvieron que regresar a sus respectivas aldeas de origen, para cumplir con la cuarentena. Aquí en Oiapoque, llegó la primera víctima de COVID-19, fue el empresario Miranda de la CRS Miranda, fue cuando llegó un gran desespero de las comunidades indígenas, de cada pueblo, se quedaron en sus comunidades para ser permanecer en cuarentena. ¡Pero no había manera! Las familias tenían que ir a la ciudad a comprar su comida y recibir sus salarios. ¡Ahí es cuando el virus llegó a los pueblos! Los indígenas comenzaron a hacer infusiones de varios tipos de medicinas tradicionales, incluyendo limón con ajo, y jambu y palanquilla, fue un gran remedio para combatir la pandemia. En las comunidades, las Iglesias Evangélicas, incluso con la prohibición de los decretos para que no hubiera aglomeración entre las personas, las iglesias se organizaron para orar, pidiendo protección para Dios, para desacelerar la velocidad a la que el virus se acercaba a los pueblos indígenas.

Nosotros, desde el pueblo Anawerá, rezamos casi 24 horas todo el tiempo hasta el día de hoy, pidiendo protección para Dios, sabemos que Dios es todo en nuestras vidas. Cuando nos enteramos de la noticia de que la enfermedad había llegado a Kumarumã, vino la desesperación, las mujeres, los niños y los jóvenes corrieron a un lado y al otro, llorando, diciendo que todos íbamos a morir. Y nosotros, los hombres, calmados, diciendo gente tranquila, no moriremos en el nombre de Jesús; ¡tendremos fe en Dios que estará bien!

Apenas comimos, no aparecía el deseo de comer y ni teníamos casi hambre, nuestro trabajo eraorar, hacer campaña en los hogares de las familias, pedir protección para Dios, para que repriera este virus, no atacara a mucha gente, y así, con la gracia de Dios, no nos atacó a los indígenas, con mucha fuerza. Pocas personas de las comunidades de Oiapoque murieron. Sí, esa maldita enfermedad mató a personas que estaban con problemas de salud. Lo comparo como una gran tormenta, con mucho viento fuerte, que pasa a través de un bosque y logra talar algunos árboles que ya estaban en mal estado de salud o pobres, pero este virus no atacó muy fuerte a las otras personas en las comunidades.

Mi esposa y yo sólo tuvimos tres días de fiebre y dolor de cabeza, garganta seca y pérdida del paladar, ¡eso fue todo! Gracias a Dios, cuando fuimos contagiados, vinimos del pueblo, llegamos a casa, en Oiapoque, por la noche. Entonces sentí mi cuerpo mal, le dije a mi esposa, que tenía un cuerpo febril. Entonces mi esposa dijo que debía ser el cansancio del viaje. Entonces ella dijo: - ¡Has estado conduciendo, debes estar cansado!

Entonces dije: - No, todo el tiempo que conduzco, ¡no me pongo así!  
Entonces no había manera, la fiebre me dejó caer en la cama, tomé la sábana, me envolví, tomé un medicamento para la fiebre. Entonces sudé, cuando eran las dos de la mañana mi esposa se cayó con fiebre. Entonces dije: - Dios mío, sólo tenemos a ti mismo ahora, no tenemos a nadie que nos ayude, que nos dé al menos un agua.

Así fue como tuvimos el covid-19, pero no dio muy fuerte, con tres días no dio más fiebre, sólo garganta seca, tos, pérdida de paladar y dolor de cabeza, continuamos con nuestras oraciones, pidiendo protección para Dios, para todo Brasil y para el mundo y, especialmente, para las comunidades indígenas de Brasil y Amapá. Jaja gente que ni siquiera tenía fiebre, sólo dolor de cabeza, la pérdida del gusto y la diarrea, pero fue un gran susto para nosotros los indígenas. Durante esta pandemia de COVID-19 me entristeció mucho ver los grandes centros desiertos, como las grandes ciudades, Sao Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, entre otros. Nuestro Oiapoque estaba triste y desierto, sin movimiento de personas y vehículos, todo el mundo con máscaras era una asfixia, nadie estaba acostumbrado a usar máscara, pero experimentamos y cruzamos este gran obstáculo en nuestras vidas. Tenemos que decirles a nuestros hijos y nietos que la gran turbulencia por la que hemos pasado, y hoy, gracias a Dios, ya está pasando. Es por eso por lo que celebramos la gran fiesta de acción de gracias al padre de los cielos, en la aldea de Kumarumã, entre el 14 y el 16 de este mes, con el lema "Grandes cosas que Dios ha hecho por nosotros; por lo tanto, estamos contentos" (Salmo Cap. 126 Versículo 03). Termino mi relato aquí y quiero dar las gracias a todos.

Oiapoque, Amapá, Brasil, 23 de agosto de 2020  
Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

